

FORJADA A FERRO E FOGO – UM BREVE ESTUDO SOBRE A ORIGEM DA MEMÓRIA NA PERSPECTIVA NIETZSCHEANA

Marco Vinício Pereira do Espírito santo¹;
Prof. Drº Luís Eduardo Xavier Rubira²

¹Universidade Federal de Pelotas – marco.espiritosanto@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – luiseduardorubira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Segundo Nietzsche, a memória é uma força capaz de atuar de forma oposta à do esquecimento, uma força capaz de criar um animal com senso de obrigação e de promessa. No homem, o esquecimento é, nas palavras do filósofo (...) uma força ativa e inibidora, positiva no mais rigoroso sentido” (2009, p.43). Tal força permanecia como guardiã da consciência sendo a chave para a jovialidade, felicidade, esperança e orgulho. O esquecimento era garantidor do espaço para o novo, com ele o por vir, tinha seu lugar assegurado. Entretanto essa força selvagem não é compatível com a civilização, haja vista que nesse meio espera-se algo do homem, a *responsabilidade*, a capacidade de prometer e manter essa promessa afixada na consciência mesmo frente ao *por vir*. “Precisamente este animal que necessita esquecer, no qual esquecer é uma força, uma forma de *saúde forte*, desenvolveu em si uma faculdade oposta, uma memória” (NIETZSCHE, 2009, p. 43/44). O *esquecimento*, mesmo sendo uma força positiva, rigorosa e ativa perece frente a memória. Quando essa nova força surge e se sobre põem, cria-se uma chaga no homem, que curva-se e tornar-se a um animal capaz de (...) “*fazer promessas*” (NIETZSCHE. 2009, p. 43).

O presente artigo investiga a origem dos mecanismos da memória e sua ação sobre o homem. Buscamos compreender como essa força reduziu o homem ao convívio e aceitação das regras impostas pelo seu meio social, coagindo-o a aceitar padrões morais pré-estabelecidos e a tornar-se um igual entre os iguais. É na *Genealogia da Moral*, mais precisamente na segunda dissertação que Nietzsche apresenta este problema, a saber: como foi possível que se criasse a memória, essa força que transforma o homem em um animal capaz de *fazer promessas*?

Conforme o autor, é com a capacidade de prometer que está base para a problemática humana, uma vez que o esquecimento, o aparelho inibidor da consciência está danificado, com o solapar do ato de esquecer, também desmorona o pilar central da *saúde forte*. É com o surgimento da memória que o animal imprevisível, torna-se previsível, aprendendo a conviver com as regras impostas no convívio social para poder responder por si acatando às normas e aos valores. A memória instala-se forjada a ferro e fogo suplantando o esquecimento, para ser aceito, o homem lembra e respeita as normas do grupo, a fim de viver os benefícios da sociedade.

Para o autor de *Genealogia da Moral*, o surgimento da memória está ligado aos mais variados sacrifícios e penhores que foram impostos ao homem para que assim pudesse responder pelo *por vir* tornando-se confiável para a comunidade.

2. METODOLOGIA

Entendemos que toda a pesquisa referente à filosofia Nietzscheana é problemática no que concerne a questão metodológica. Como desenvolver uma análise sobre uma obra que não possui sistematização e que ficou inacabada?

Para tal fim, há a possibilidade de se adotar metodologias que acordam ao tema a ser estudado e não um método específico. Os mais reconhecidos intérpretes do pensamento Nietzscheano adotam maneiras distintas na abordagem dos escritos de Nietzsche; A exemplo temos: Wolfgang Müller-Lauter (método crítico-imanente); Scarlett Marton (genético-estrutural) e Patrick Wotling (questão da inteligibilidade).

Tal complexidade no que toca a elaboração de uma metodologia foi apontado pelo próprio Nietzsche: “os métodos, é preciso falar dez vezes, são o essencial, também o mais difícil, também o que por mais tempo é contrariado pelos hábitos e pela indolência” (AC §59), (NIETZSCHE. 2007 p. 75). Entretanto, para mantermos a mesma metodologia fundada no GEN (Grupo de Estudos Nietzsche); Por julgarmos o mais apropriado para abordar os textos de Nietzsche detendo-se tanto na estrutura dos escritos sem separar as teses dos movimentos do texto que as criaram, adotaremos para este estudo o método genético-estrutural, o qual julgamos o mais adequado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ressaltamos que Nietzsche trabalha com hipóteses e esta, aqui apresentada, sobre o surgimento da memória, não busca indicar com exatidão um lugar no tempo e no espaço para o seu surgimento, o que o filósofo encaminha é uma análise crítica das condições e das circunstâncias pelas quais se deu a origem. O filósofo não trata da pretensa origem essencial, uma vez que lhe interessa o jogo de forças que estiveram presentes no surgimento da memória. Por isso, ele assinala que a criação de um homem memorioso, de uma razão domesticada e de uma consciência moral não foi uma meta a ser alcançada. Ao contrário, ela acontece como em todos os processos vitais, como produto do acaso de forças em luta. Foi através de uma longa trajetória de violenta domesticação e trabalho sobre si próprio que tornou-se constante, necessário, útil e confiável ao grupo.

A segunda dissertação da *Genealogia da Moral*, por hora em análise, aprofunda a reflexão sobre a consciência moral e indica a crise vindoura para a vida humana. O filósofo estabelece um diálogo com a história sem demarcar um período específico no qual o homem viu sua espécie sob risco, uma vez que foi a ameaça que fez surgir a necessidade de regras de proteção e conservação da espécie, regras estas que foram impostas, criando-se uma memória gerada pela dor e crueldade, uma memória gravada a *ferro e fogo*.

4. CONCLUSÕES

Por fim, de acordo com a perspectiva Nietzscheana podemos afirmar que o desenvolvimento da memória no homem difere da perspectiva metafísica e dos evolucionistas uma vez que não se deu de forma pacífica e racional e nem foi fruto de uma evolução natural. Para Nietzsche, tal surgimento está vinculado aos mais elevados penhores e sacrifícios, empregados na domesticação do homem, a fim de torna-lo confiável à comunidade onde partilharia sua existência.

Não está em questão indicar um tempo ou lugar precisos para o início desse processo uma vez que tal perspectiva nos remete “aos tempos mais longos e mais remotos da humanidade” (NIETZSCHE, 1991, p. 142). A rigor, o homem do olvido é inapto tanto para o perdão quanto para a culpa, e, se reconhece ocasionalmente o ressentimento, o digere, metaboliza e externaliza logo de imediato, não amargando nem abarrotando seu estômago, permanecendo assim saudável.

Nietzsche introduz um certo *pensamento do corpo* e sugerindo novas formas de viver e de se lidar tanto com a temporalidade, quanto com a memória, um pensamento de reconciliação com o corpo, enfim, com o presente e sua intensa felicidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

_____. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das letras, 2011

NIETZSCHE, Friedrich. **Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe**. Edição organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlin/Munique: Walter de Gruyter & Co., 1967-78. 15 vol.

_____. **Obras Incompletas**. Seleção de textos de Gerárd Lebrun; tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. 1ª ed. São Paulo: Nova cultural, 1974 (Col. “Os Pensadores”).

_____. **Humano, demasiado humano. Um livro para espíritos livres**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

_____. **Humano, demasiado humano. Um livro para espíritos livres volume II**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

_____. **Aurora: Reflexões sobre preceitos morais**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

_____. **A gaia ciência**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

_____. **Assim Falou Zaratustra. Um livro para todos e para ninguém**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2012. **Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução de Mario da Silva. Rio de

Janeiro: Civilização Brasileira, 1986. **Assim Falou Zaratustra**. Tradução de Mario Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2011.

Artigo

FERRAZ, Maria Cristina Franco. **Nietzsche: esquecimento como atividade**. **Cadernos Nietzsche**, 7, p. 27-40, 1999

Tese/Dissertação/Monografia

SILVA, Nelson José Batista da. **Memória, esquecimento e criação em Nietzsche**. Julho de 2012. Dissertação (Mestrado em Memória, Subjetividade e Criação) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social – PPGMS, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.